

## O ESPAÇO REPRESENTATIVO DE UMA INSTITUIÇÃO: A EXPOSIÇÃO DE 1882 NO LICEU DE ARTES E OFÍCIOS.

Rosângela de Jesus Silva\*

### Resumo:

A formação de uma nação pautada por modelos e princípios “civilizados” de países europeus foi uma preocupação que marcou a intelectualidade brasileira no século XIX. Na segunda metade daquele século a imprensa assumiria um papel decisivo na divulgação e promoção desses princípios. O fim da escravidão, a industrialização e a necessidade de uma população preparada foram questões amplamente debatidas. O surgimento e aprimoramento de instituições que de alguma maneira favorecessem o alcance do progresso e “civilização” do Brasil foram logo reconhecidas. É nesse ambiente que uma instituição como o Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro alcança credibilidade e recebe apoio de intelectuais, artistas, professores e da imprensa em geral. As atividades realizadas no espaço dessa instituição ganham uma dimensão que merecem ser problematizadas.

A função educativa e de formação exercida pelo Liceu parece se aproximar de outras iniciativas, que mesmo sem se apresentar explicitamente como uma escola, parecem também ter apresentado ideais pedagógicos. É o caso da imprensa ilustrada, e particularmente do trabalho do artista e jornalista Angelo Agostini, o qual parece ter construído em torno de si a imagem de um homem empenhado em edificar um país melhor, mais civilizado, amparado pelos princípios emancipadores da cultura. Agostini usou suas publicações para informar, divulgar e criticar, com textos e imagens, eventos de natureza política, social, econômica e cultural. Também deixaria claro, em vários momentos, o reconhecimento da importância, das possibilidades de comunicação e valor da imprensa ilustrada, ou seja, utilizou conscientemente e com objetivos e interesses suas revistas.

Esse artigo pretende analisar a atuação de Agostini enquanto crítico de arte, mas com uma atenção especial para um conjunto específico de críticas produzidas em 1882, acerca da exposição de arte realizada no Liceu de Artes e Ofícios. A ideia é mostrar como uma instituição como o Liceu, que representaria um esforço de ações para modernização do país através da educação e profissionalização, recebeu por parte do jornalista uma espécie de chancela de aprovação. Esse reconhecimento iria além das atividades cotidianas da instituição, sendo

---

\* Faculdade União das Américas. Doutora em História da Arte pela UNICAMP com bolsa FAPESP.

evidenciada quando da realização de uma exposição de arte. É como se Agostini chamasse atenção para a importância dos eventos artísticos ocorridos fora da instituição oficial – a AIBA, como se fora dali a expressão pudesse ser mais livre, ou pelo menos, ser analisada mais sob aspectos estéticos e menos sob aspectos políticos. Evidencia-se no corpo de críticas produzidas nos periódicos de Angelo Agostini a diferenciação no tratamento e cobertura às Exposições Gerais da Academia e essa ocorrida no Liceu. É um discurso que parece se estabelecer no âmbito simbólico de um espaço e do significado atribuído a este.

Criado em 1856 pela Sociedade Propagadora de Belas Artes, o Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro surgiria com propósito bastante prático: ensinar princípios das belas artes úteis para preparar mão de obra para o desenvolvimento da indústria nacional. A escola funcionaria em período noturno e com objetivos de profissionalizar uma parcela desfavorecida da população. A iniciativa do arquiteto e professor da Academia Nacional de Belas Artes Bethencout da Silva (1831-1911) contou com apoio da sociedade de várias maneiras: obteve doações e contou com a participação voluntária de professores. De acordo com Alba Bienliski “Na década de 1880 o Liceu de Artes e Ofícios já havia se tornado e era considerado o mais importante estabelecimento de ensino técnico-profissional do país, sem rival, também, na América Latina.” (BIENLISKI, 2009)

Tal instituição foi inúmeras vezes elogiada na imprensa carioca da época e atraiu a simpatia de vários jornalistas. Entre estes é possível destacar o nome de Angelo Agostini (1842/3-1910), que inclusive foi professor dessa instituição no curso feminino inaugurado em 1881. Em seu trabalho Agostini criou a imagem de um homem preocupado com o desenvolvimento e progresso do Brasil, defendia ideias liberais, entre as quais a de acabar com o trabalho escravo no país. Foi também um homem bastante atuante no ambiente cultural da corte, promovendo e criticando eventos artísticos em geral. Teve uma atenção especial para as exposições de Belas Artes, sobre as quais produziu considerável material nas páginas de seus periódicos.

O Liceu de Artes e Ofícios parece ter ocupado um lugar especial nas páginas da *Revista Illustrada*, dirigida por Agostini, tendo figurado por diversas vezes em notas e artigos que lhe atribuíam um papel relevante no desenvolvimento do país. Essa importância se daria tanto por sua preocupação com a educação da população menos abastada, a qual poderia desempenhar um papel decisivo na indústria nacional, ainda bastante incipiente naqueles anos, como pela sua iniciativa de criar cursos de educação feminina:

Uma festa esplendida a do Lyceu de artes e officios para inaugurar as aulas destinadas ao sexo feminino! O Rio de Janeiro estava todo lá.

Eu não podia faltar a esta festa que iniciava com tanto brilho a educação da mulher; o assumpto era por demais interessante, e o programa feito para attrahir a todos<sup>1</sup>. (*Revista Illustrada*, RJ, n. 269, 1881, p. 2.)

Uma instituição com caráter educativo e, mais do que isso, preocupada com a educação de uma parcela da sociedade que, até aquele momento, quase não teria recebido atenção, embora fosse considerado um passo importante para colocar o país no caminho da “civilização”, certamente receberia a atenção e o apoio de Angelo Agostini. Com a exposição realizada por este estabelecimento, em 1882, não foi diferente. Ao anunciar a abertura desta, logo avisou ao leitor: “Sem abrir aqui portanto um curso de pintura, o chronista avisa todavia os seus leitores de que na exposição do Lycêo algumas telas são dignas de serem vistas e apreciadas (...)”(*Revista Illustrada*, RJ, n. 291, 1882, p. 2.).Em seguida, começou a enumerar alguns dos nomes dos artistas e suas obras.

Em comparação com as críticas realizadas por Agostini às exposições da AIBA é possível notar uma sensível diferença na maneira de apresentar a exposição. Quando o crítico teceu apreciações acerca da exposição de 1879 realizada pela AIBA, a visão geral apresentada era extremamente negativa. Não é possível negar que tenha havido considerações positivas acerca de alguns artistas e obras, no entanto, o crítico não admitiu o fato de haver “boas obras” nos comentários de abertura ou na avaliação geral da exposição de 1879, realizada depois da premiação da mesma.

A exposição do liceu foi comentada em quatro longos artigos, sob a denominação “Exposição de bellas-artes”. Logo no primeiro texto, o crítico notou o sucesso que a exposição teria alcançado na imprensa pela quantidade de comentários; porém advertia para certa indulgência, a qual não teria agradado nem mesmo os expositores. Por isso, propunha-se a fazer algo sério, pautado nos conhecimentos que alegava possuir.

Toda a imprensa já fallou sobre a exposição de bellas-artes no Lycêu. Todos manifestaram sua opinião mais ou menos sincera, mais ou menos entendida, e apesar da norma adoptada ter sido a indulgencia, nem por isso os expositores se acham satisfeitos com a analyse dos seus trabalhos. Elles não deixam de ter razão

---

<sup>1</sup> CHRONICAS Fluminenses. *Revista Illustrada*, Rio de Janeiro, n. 269, p. 2, out. 1881.

até certo ponto, pois que quando se acha tudo bom é o mesmo de que dizer que tudo é ruim.

[...]

Vê-se que a imprensa em geral procurou ser agradável á quasi totalidade dos expositores e estes devem ser gratos ao menos pela boa intenção.

Por minha parte, não querendo de todo destoar dos outros, bem que tenho a convicção de entender alguma cousa da materia limitar-me-hei a julgar com toda a imparcialidade os trabalhos e o merito dos expositores que revelam talento e estudo. (*Revista Illustrada*, RJ, n. 292, 1882, p. 3.)

É importante lembrar que Agostini participou da exposição com duas telas, de maneira que, quando o artigo afirmava “entender alguma cousa”, poderia dizer isso justamente porque era um artista e participava da exposição. Fez ainda outra afirmação, que parece relevante, acerca de quem seria julgado: “trabalhos de mérito dos expositores que revelam talento”. O crítico reconhecia que havia bons artistas naquela exposição; assim, iniciou sua empreitada de maneira positiva, avaliando arte e artistas que apresentariam qualidade.

Esse primeiro artigo concentrou-se em rápidas apreciações acerca das obras de dez artistas, dos quais destacou pelo menos uma qualidade. Quando algum problema era apontado, como alguma incorreção de desenho ou no emprego da cor, ou mesmo algum problema na composição, estes eram amenizados pelo conjunto do trabalho do artista ou da obra em si:

A Atala do Sr. Augusto Duarte é um bello quadro. Se a posição do indio fosse menos angulosa, as pernas mais finas e a côr d'ellas em harmonia com a do torso, essa figura seria magnifica. A cabeça sem ser bonita, é todavia muito notavel pela expressão.

Ha uma pequena incorrecção de desenho no rosto da mulher e os seus cabellos são por demais pretos e brilhantes para pertencerem á um cadaver. Em compensação as mãos são admiraveis assim como a côr cadaverica do corpo, apesar d'este ser um pouco forte.

Se o nariz do frade tivesse mais um dedo de comprimento seria uma bella cabeça, mas como ha narizes de todos os tamanhos, cada um escolhe aquelle que mais lhe agrada.

Esse quadro que pecca um pouco pela composição e tem alguma incorrecção no desenho, é incontestavelmente um dos melhores que se tem apresentado ao publico. (*Revista Illustrada*, RJ, n. 292, 1882, p. 3.)

Nesse grupo de artistas, Georg Grimm foi bastante elogiado:

Segue-se o Sr. Grimm, com a sua immensa collecção de paysagens, feitas nos proprios lugares por onde viajou. Ahi, o visitante tem occasião de apreciar e comparar a differença da natureza de varios paizes, como sejam, a Italia, Grecia, Allemanha, Turquia, Egypto, Brazil, etc., etc.

O Sr. Grimm, que é dotado de um grande talento para paysagens, não deixa todavia de ser bom figurinista como se vê pelo seu bello quadro intitulado a Guitarrista e uma grande collecção de aquarellas admiravelmente executadas. (*Revista Illustrada*, RJ, n. 292, 1882, p. 3.)

Um diferencial notável nesse conjunto de críticas é que os comentários eram direcionados quase que exclusivamente para as obras, quando em críticas anteriores ou mesmo posteriores, é possível perceber comentários negativos à instituição oficial de ensino na corte. Mesmo que os artistas fossem identificados com uma instituição como a AIBA, a preocupação do crítico não estava em utilizar o artista para atacar o órgão de ensino, mas para analisar a obra em si. É o caso, por exemplo, de José Maria de Medeiros (1849-1825); embora sua filiação tenha sido notada, a crítica se concentrou na tela:

O Sr. Medeiros, apesar de professor da Academia de Bellas-Artes, ou talvez por causa d'isso mesmo, não foi feliz com o seu quadro intitulado Lindoia.

A composição do quadro não é má; direi mesmo que é soffrivel, mas o desenho é muito incorrecto e o colorido pessimo; tem um não sei que de antipathico, e de podre. As formas e a côr da india são repugnantes; parece que morreu ha dias! E aquelles verdes em volta d'ella? e aquella luz côr de rosa na arvore?! e...?

Não, decididamente prefiro o seu quadro de genero representando uma moça sentada n'uma cadeira, tendo ao seu lado uma criança a dormir.

É um quadro mais modesto e que está nas forças do Sr. Medeiros; elle agrada logo á primeira vista e vê-se que o effeito de luz foi melhor comprehendido e copiado

do natural. Outro tanto direi da cabeça da moça que é muito bem pintada, resentindo-se todavia o corpo de alguma imperfeição no desenho.

Estou convencido que, n'este genero de pintura, o Sr. Medeiros a quem não falta nem talento, nem os precisos conhecimentos, acabará mais tarde por apresentar-nos quadros muito apreciáveis. (*Revista Illustrada*, RJ, n. 293, 1882, p. 6)

Quando se retomam alguns trechos das críticas publicadas em 1879 acerca dos expositores que tinham uma relação direta com a AIBA, como era o caso do discípulo de Victor Meirelles, Pedro Peres, nota-se que o crítico logo sugeria para que este se afastasse daquele estabelecimento, sem antes fazer qualquer consideração sobre a obra do artista e os problemas em que incorreria. Talvez o problema do crítico estivesse mesmo relacionado a Victor Meirelles um dos pintores oficiais do Império, que também participou dessa exposição. Sobre seus quadros, observou: “Do Sr. Victor Meirelles ha apenas dois ou tres retratos. São do Sr. Victor, por conseguinte não preciso dizer mais nada” (*Revista Illustrada*, RJ, n. 293, 1882, p. 6.).

Quando se voltava para a análise das esculturas, mais uma vez era o nome de Bernardelli que figurava em destaque, mesmo quando o escultor não apresentava nenhuma obra, afinal esse era o artista considerado por Agostini o grande exemplo e modelo da arte e do talento no Brasil:

Na parte da esculptura a exposição é muito pobre. Senti realmente que o publico não tivesse occasião de admirar os trabalhos do primeiro artista da nossa Academia de Bellas Artes, o Sr. Rodolpho Bernardelli. Espero porém que, rendendo homenagem ao grande talento desse artista que se acha actualmente em Roma, o digno director da Academia fará o mais breve que puder uma exposição especial de tudo quanto o Bernardelli enviou, a fim de que o publico admire os trabalhos do alumno que mais tem honrado a nossa Academia na Europa. (*Revista Illustrada*, RJ, n. 294, 1882 p. 6.).

Na análise que se segue, chegou a afirmar que a única coisa a qual o escultor Chaves Pinheiro teria para se orgulhar seria o fato de ter sido o primeiro professor de Bernardelli: “sua melhor estátua é o seu discípulo que elle começou aqui e que a verdadeira arte concluirá em Roma” (*Revista Illustrada*, RJ, n. 294, 1882 p. 6.). Os outros escultores citados, Almeida Reis e Leopoldino de Faria, não tiveram melhores apreciações, sendo que a análise de um

estudo desse último, uma *Alegoria da lei 28 de setembro*, foi classificada como um “disparate pyramidal”.

Além das análises acerca da pintura e escultura, o crítico também comentou os projetos de arquitetura, como a *Fachada do Palacio da Justiça* juntamente com sua planta, realizada pelo arquiteto J. L. Correia. O crítico chamou a atenção do arquiteto para a necessidade de adequar o prédio ao clima do país onde seria construído o edifício:

O grandioso não consiste no disproporcional e na falta de elegancia, assim como a imitação do antigo não deve ser tão rigorosa que exclua a luz e o ar. Os edificios, mesmo com caracter de monumentos, devem ser compostos segundo o clima dos paizes onde tem de ser edificados. Os que servem para o Rio de Janeiro, não podem servir para S. Petersburgo. (*Revista Illustrada*, RJ, n. 295, 1882, p. 3 e 6.)

No último artigo, o crítico iniciou suas apreciações pelas composições das amadoras, com um destaque especial para Abigail de Andrade, a qual, anos mais tarde, teve um envolvimento com o crítico, do qual nasceram dois filhos:

A arte do desenho é tão difficil, exige tanto estudo, paciencia e dedicacão, que nem todos tem a coragem de abraçal-a, e raro é ver-se trabalhos importantes nesse gênero expostos por amadores.

Tornou-se pois notavel, sobretudo entre os entendidos a exposição feita pela Exma. Sra. Abigail de Andrade, que apresenta seis especimens da arte do desenho no seu mais alto gráo.

(...)

Duas Academias das mais difficeis do curso de desenho de Julien, completam os seis trabalhos expostos por essa inteligente amadora, que mostrou em tres generos de desenhos o quanto se póde alcançar com o estudo serio e apurado. (*Revista Illustrada*, RJ, n. 295, 1882, p. 3 e 6.)

Foi somente no último artigo que o crítico dedicou um parágrafo para criticar o governo pela falta de investimento no ensino do desenho, atividade que foi, várias vezes, defendida como a base para o desenvolvimento da arte:

Conhecendo a pouca importancia que até hoje se tem dado ao ensino do desenho, cabendo ao governo maior culpa pelo descuido com que tem tratado esse importante ramo de instrucção, não posso sem ser injusto, criticar os trabalhos que foram expostos. Louvo-os todos pois, sem todavia deixar de reconhecer que entre elles ha soffríveis e mediocres, por que vejo nessa exposição dos collegios uma louvavel tenção da parte dos seus directores em incutir á seus discipulos o gosto por esse ramo das bellas artes que tem sido tão deprezado até hoje. (*Revista Illustrada*, RJ, N.295, 1882, p.3 e 6.)

Com esse comentário, o crítico, de alguma forma, redimiria os artistas criticados pelas imperfeições dos desenhos apresentados, sem deixar de notá-las.

Para comentar as obras de Agostini expostas, o crítico empregou de grande modéstia, fato que poderia conferir alguma credibilidade à hipótese de que teria sido ele mesmo o responsável pelas críticas:

Esses tres quadros executados de memoria, sob a impressão do facto presenciado, e feitos sem pretenção em quanto o diabo esfrega um olho e a preguiça esfrega os dous, tem um só merito na opinião do seu autor: é terem contribuido á fazer numero ao lado dos mais modestos na exposição. (*Revista Illustrada*, RJ, N.295, 1882, p. 6)

Na conclusão do artigo, manteve certo otimismo, esboçado na apresentação da exposição com relação ao presente e ao futuro das artes no Brasil:

Concluindo esta analyse da exposição, não posso deixar de louvar a todos os artistas e amadores que á ella concorreram.

Todos, dando uma prova do seu maior ou menor adiantamento, mostram que não ficaram surdos ao appello da Sociedade Propagadora das Bellas Artes que póde reunir em redor de si alguns trabalhos, e provar assim que a arte não morreu de todo entre nós.

Se esta critica foi um pouco severa com alguns, é unicamente para que della tirem proveito. Ninguem poderá accusal-a de ter sido injusta.



Os mais censurados, tiveram palavras de animação, pois que o fim da nossa crítica é animar á todos e não desanimar ninguém. (*Revista Illustrada*, RJ, N.295, 1882, p. 6)

No conjunto de críticas publicadas nos periódicos de Angelo Agostini, estes textos que cuidariam da exposição no liceu foram, certamente, os que mais se detiveram sobre os aspectos estéticos das obras, assumindo um tom, em geral, até mesmo educativo, no sentido de indicar aos artistas incorreções que poderiam ser corrigidas para melhorar, assim, o resultado dos trabalhos. Talvez por ter adotado um tom mais sério, menos irônico e provocativo, as críticas não foram acompanhadas de salões caricaturais, nem mesmo de imagens que promovessem alguma obra de um artista em particular que estivesse participando da exposição.

Esse grupo de críticas apresentou características particulares no conjunto da obra de Angelo Agostini, de forma que pareciam conter menor agressividade e provocações nas apreciações, além de uma maior atenção aos aspectos formais. Apresentá-las entre dois importantes momentos, que foram as exposições de 1879 e 1884, ajuda a mostrar como houve um peso político nas críticas realizadas quando a AIBA estava envolvida diretamente no evento artístico. Mesmo sendo a AIBA a instituição oficial de ensino artístico, nos comentários da exposição de 1882, sua responsabilidade na formação dos artistas não foi elencada com a mesma constância que se observava nas críticas de 1879 e 1884. Talvez os fatos levantados anteriormente, que envolvem a participação de Agostini na exposição, bem como o respeito que este demonstrava pelo liceu enquanto uma instituição de ensino poderiam ter contribuído bastante para sua postura. Assim, esse grupo de artigos também poderia se apresentar como um exercício maduro de Agostini enquanto artista e crítico, na sua ambição de ter um papel de destaque no desenvolvimento do país e na promoção da arte.

### **Referências Bibliográficas:**

- BIELINSKI, Alba Carneiro. O Liceu de Artes e Ofícios - sua história de 1856 a 1906. *19&20*, Rio de Janeiro, v. IV, n.1, jan. 2009. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/ensino\\_artistico/liceu\\_alba.htm](http://www.dezenovevinte.net/ensino_artistico/liceu_alba.htm)>. Acesso em: agosto. 2011.
- DUQUE ESTRADA, Luiz Gonzaga. *A Arte Brasileira*; introdução e notas de Tadeu Chiarelli. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.
- GAMBONI, Dario. *Propositions pour l'étude de la critique d'art Du XIXe siècle*. Artigo baseada na comunicação apresentada no 78e congrès annuel du College Art Association (New York, 14-17 février 1990).

LEVY, Carlos Roberto Maciel. A Exposição Geral de 1879 e a Crítica de Angelo Agostini (1843-1910). In: *Revista Crítica de Arte*, Nº4, dezembro de 1981.